

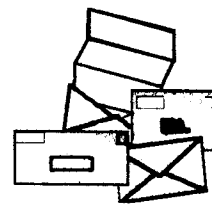


O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Escrevem os Leitores



"Venho através desta solicitar a revista que trata sobre os dogmas e episódios da Mãe de Deus "theotokos", pois tenho interesse em receber e divulgar para as outras pessoas que não conhecem o seu trabalho."

CÉSAR JOSÉ MARINHO
SÃO PAULO - SP

"Primeiramente gostaria de parabenizá-los pela maravilhosa revista que tive a oportunidade de ler há pouco tempo. Ela resume a verdadeira doutrina católica que é o que está necessitando este Brasil de maioria católica, mas não praticante... Por isso esta revista está fazendo um ótimo trabalho pois é rígida e verdadeira. E eu humildemente peço para que me mandem os exemplares da revista, e assim que possível mandarei a minha contribuição para que cheguem mais perto das pessoas que mais necessitam de Jesus."

MAGALI COSTA DOS SANTOS
SÃO PAULO - SP

"Que esta há de encontrar todos em plena saúde de corpo e alma. Escrevi anteriormente e não recebi resposta alguma, portanto escrevo novamente. Obrigado, mais uma vez, pelo envio da revista que tanto fortalece a minha fé na caminhada rumo ao sacerdócio, pois nela se apresentam os elementos da sagrada doutrina católica, da formação catequista e outros. Nesta revista abençoada... Vocês são missionários de Deus e espero..."

LUIZ ANTONIO DE ALMEIDA JÚLIO
RIO DE JANEIRO - RJ

"Em primeiro lugar quero pedir desculpas por ter demorado tanto para responder sua carta. Não foi má vontade, mas falta de tempo."

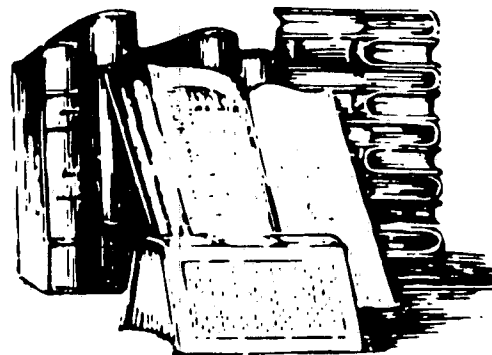
Recebo "O Desbravador" já há dez anos e sinceramente sei que deveria ter escrito para agradecer antes.

... muitas vezes seu jornal me devolveu a fé, me reaproximou de Deus, me recordou que devemos confiar em Deus, acima de tudo. Tenho tirado grande proveito de tudo o que leio.

Esse mês estou enviando cheque nominal...

Que Deus os abençoe e os retribua por toda grandiosa obra em prol dos católicos. Que Maria os guie sempre."

ROSANA HELENA
JUNDIAÍ - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - gjmatos@zipmail.com.br

Editorial



Vivemos na Terra, mas Deus nos criou para o Céu. Nós não nos contentamos com as coisas terrenas, e sempre aspiramos ao mais perfeito.

Na verdade, por mais belas que sejam as coisas deste mundo, nada se compara às belezas celestiais. E, reiteramos, não é para as alegrias passageiras deste mundo que fomos criados e sim para a felicidade perfeita e eterna do Céu. Sim, ali veremos belezas incomparáveis, ali teremos a companhia dos anjos, dos santos, de Nossa Senhora e sobretudo a Visão Beatífica de Deus, Nosso Senhor.

Isso é assim. Há, porém, alguns lugares deste mundo que por sua excepcional beleza nos fazem lembrar do Céu. Um destes lugares é o Castelo de Nowsheisteim, com seus arredores, que mostramos em nossa capa. Um lugar sublime e de extrema beleza, que nos faz refletir: se as coisas da Terra não se comparam com as do Céu em formosura e perfeição, se o local da capa é tão maravilhosamente belo, como não deve ser belo o Céu?

E, o Céu está ao nosso alcance, para tanto é preciso praticar a virtude, evitar o pecado, freqüentar dignamente os sacramentos e rezar, rezar muito. Que pensamento consolador!

Por outro lado, para perdermos o Céu e merecermos o inferno, basta um só pecado mortal. Quem morre em pecado mortal, se condena eternamente. Que pensamento duro, mas real!

Façamos então tudo que estiver ao nosso alcance para merecermos um dia estar na Glória Celestial, e peçamos a Nossa Senhora, Rainha do Céu e da Terra, que nos faça viver catolicamente, morrer santamente e após isso, junto a Ela por toda a eternidade triunfamos na Pátria Celestial.

Que saudades!

Há em nossa vida fatos e épocas que deixam em nós uma saudade indescritível. E creio que nisso se inclui de maneira exponencial a infância. Por que será que é assim?

Por que há poetas que a ela se referem como a aurora da vida que os anos não trazem mais? Por que tantos se lamentam que ela tenha passado? Por que, enfim, ela surge em nossa mente como um tesouro perdido e que nós pagaríamos um grande preço para reconquistar?

Tantas perguntas são facilmente explicáveis: o que tanto nos faz lembrar desses preciosos momentos de nossa vida é a inocência que acompanhou os primeiros passos do nosso ser.

Sim, naqueles dias estávamos nós muito mais próximos das graças de nosso Batismo, usufruíamos as benesses de nossa Primeira Comunhão, não estávamos contaminados pela fuligem da podridão e da devassidão que assolam a maior parte dos homens de hoje.

Então, um simples brinquedo nos encantava e nos fazia felizes. Então, as histórias de fadas e de heróis nos entusiasmavam. Então nós conseguíamos ver as coisas belas como reflexos da beleza Suprema que é Deus.

Se fazíamos uma coisa errada, por pequena que fosse, logo o remorso se apossava de nós e corríamos a pedir perdão à pessoa ofendida, e voávamos a pedir perdão ao Criador através do sacramento da Confissão.

Mas o tempo passou. O redemoinho da vida nos engolfou. Os heróis foram deixados de lado. Os sonhos se desvaneceram, a inocência foi jogada às traças e se nos foi imposta uma falsa realidade: a realidade do mundo, a lei do pecado.

Nada de encanto, nada de virtude, somente um contínuo egoísmo, somente um constante mergulho na lama, nada, a não ser um rolar ladeira abaixo na rua da perdição.

Seria isso uma fatalidade a que ninguém possa escapar?

Evidentemente não. Se não houvéssemos nos corrompido, à inocência da infância somar-se-ia o puro entusiasmo da juventude. A eles se adicionaria a serenidade da idade adulta, a sensatez da maturidade e finalmente a sabedoria da velhice. E essa somatória produziria um homem que realmente soube viver, por toda a sua vida, como imagem e semelhança de Deus.

Mas, e aqueles que por desgraça perderam essa pérola preciosa chamada inocência? Para esses servem as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos mandou converter-nos e nos tornarmos como as criancinhas para entrarmos no Reino dos Céus.

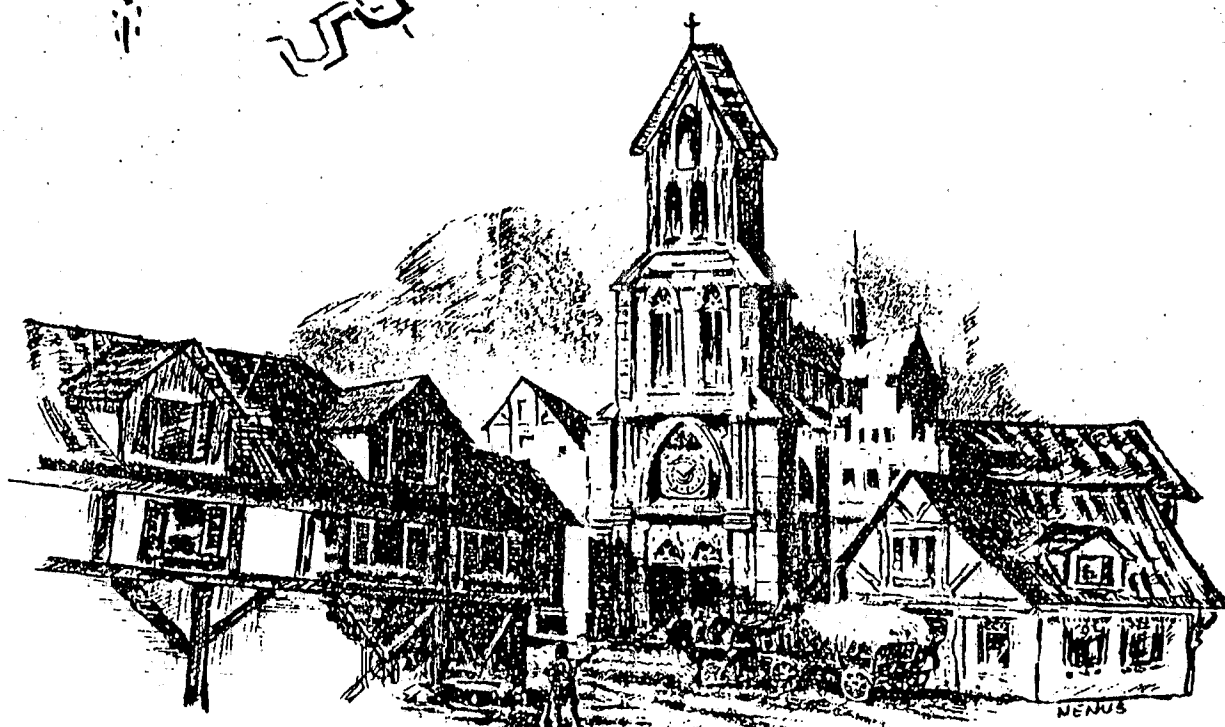
Quantos santos conseguiram esse prodígio, que você também pode conseguir? Peça à Nossa Senhora e Ela, num prodígio de Sua Bondade, restaurará a inocência que você perdeu, após conseguir de Seu Divino Filho que você readquira, pelo Sacramento da Confissão, a graça que pelo pecado perdeu.

Então, a inocência infantil não será uma lembrança sempre lastimada, mas um doce aroma que ornará a sua alma e sempre se fará presente nela.





MALABARISTA DE NOSSA SENHORA



Nas aldeias da Idade Média, todo dia de feira era dia de festa. O bom povinho, reunido na praça, se atropelava, gritando e cantando. E em meio à balbúrdia, podiam-se ouvir os vários pregões:

–“Queijos! Belos queijos de leite de cabra, temperados com ervas das montanhas!”

–“Panos! Linho da Inglaterra, seda do Oriente, veludo da França!”

–“Galinhas! Belas galinhas e gordos patos, prontos para a panela!”

E a praça se enchia de gente e de barulho...

De repente, alguém avisava: “O malabarista! O malabarista está chegando!” E num instante o mercado parecia parar.

Todo o mundo conhecia o malabarista. Era um moço-quase-menino, vestindo farrapos de roupas ex-vistosas, onde a única coisa brilhante era uma grande pena altaneira presa ao chapéu. Ele chegava, trazendo consigo num saco as “ferramentas” de seu ofício, de debaixo do braço um pequeno tapete esburacado. Caminhava até o centro da praça, parecendo indiferente aos

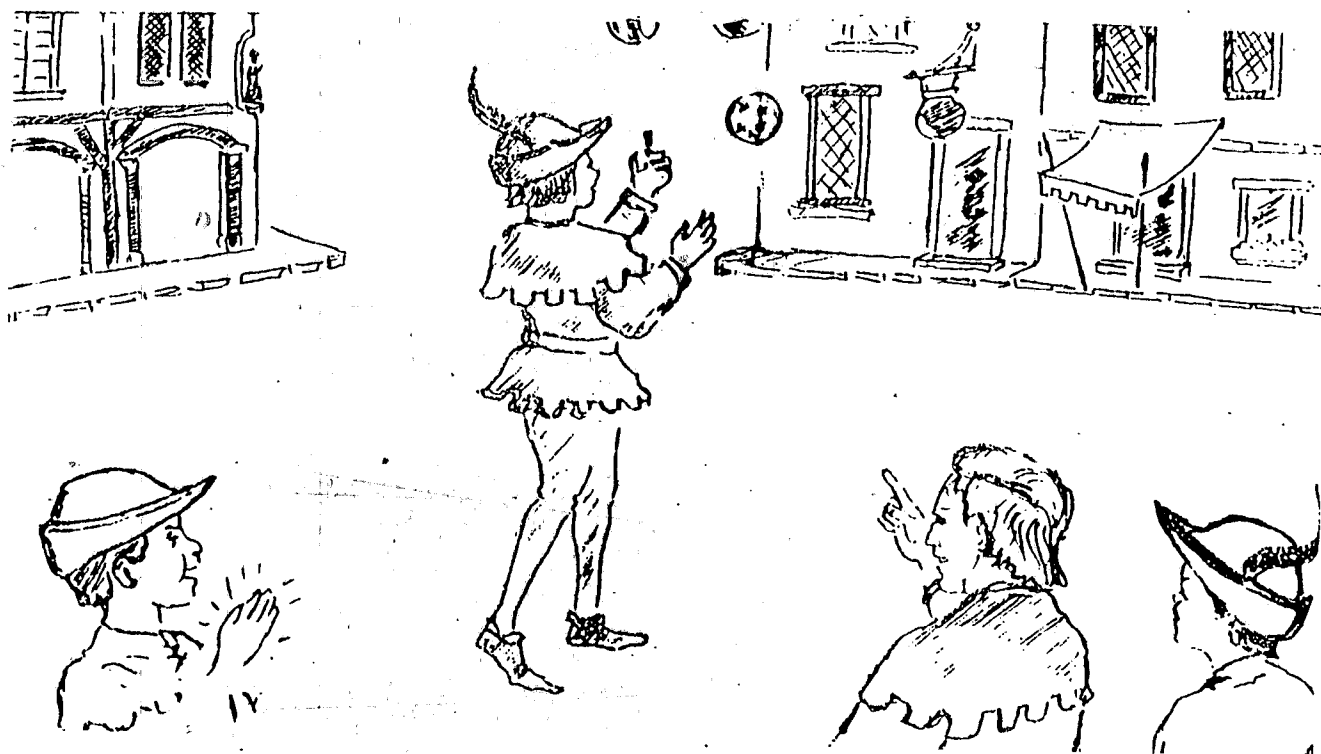
olhares de todos. Estendia seu tapete, cumprimentava respeitosamente o público, e começava o seu número.

Primeiro, as bolas. Três, quatro, cinco, seis bolas de madeira eram sucessivamente atiradas para o ar e recolhidas com agilidade assombrosa.

Depois, vinham os punhais e as tochas, descrevendo círculos doidos no espaço, parecendo vivos e querendo fugir para todos os lados, mas nunca escapando ao controle daqueles dedos incríveis...

Finalmente, a apoteose. Os já tontos viam incrédulos o pequeno malabarista apoiar-se nas palmas das mãos, elevar lentamente o corpo, e depois, com os pés, manter no ar, formando um torvelinho, oito bolas de madeira! O povo embasbacado, não regateava os brados de entusiasmo nem os aplausos, nem as moedinhas, que caíam em chuva sobre o tapete do malabarista...

E assim aquele menino vivia. Enquanto havia feira, ele corria de aldeia em aldeia, dormindo onde podia, e comendo o que lhe davam, ou o que suas moedinhas lhe permitiam comprar. E no inverno... Bem, nisso o pequeno malabarista preferia não pensar.



O outono terminou. Um vento gelado arrancou das árvores suas derradeiras folhas, o céu ficou cinzento, e a neve fria e fina começou a cair. Os camponeses se trancaram em suas cabanas, e diante das lareiras contaram às crianças as velhas histórias que ouviram de seus avós... E na pracinha da aldeia, coberta por uma fina camada de neve, já não havia mais ninguém.

De madrugada passou por ali um monge, levando o último carro de lenha para os fogões de seu convento. E foi ele quem encontrou, enrolado e enregelado num canto da praça, quase morto de frio e de fome, o pequeno malabarista. Comovido, o monge o colocou sobre sua lenha e o levou para o convento.

Não houve desvelo que aqueles homens de Deus não tivessem para com o pobre menino. Graças a esse cuidados ele foi aos poucos se recuperando e readquirindo forças, e lá pelo meio do inverno ele já podia ajudar os monges em seus serviços mais humildes. Isto é, poderia ajudar, se não fosse tão desastrado. Os pratos de barro escorregavam misteriosamente de suas mãos... Os odres de vinho eram desajeitados, e se rompiam tão facilmente... E se o cabo da vassoura não fosse tão comprido, certamente o vitral da capelinha não se quebraria...

Por essas causas e por várias outras, os monges acharam que o melhor que o pequeno poderia fazer seria não fazer absolutamente nada. Apenas ele ficaria ali no convento, por caridade, até o inverno terminar.

Finalmente chegou a primavera. Maio, mês das flores, mês de Maria. O malabarista, já habituado com a rotina do convento, estranha

que ninguém esteja no pátio, durante o recreio da comunidade. O cozinheiro lhe explica:

-“Estão todos ocupados, preparando o presente da Rainha.”

-“Presente da Rainha? O que é isso?”

-“É um velho costume católico. No final do mês de maio todos nós apresentamos a Nossa Senhora alguma obra feita com carinho, em prova de nosso amor. Percorra o convento, e você verá que todos estão trabalhando.”

E o menino viu. Viu um monge que se esmerava em copiar num pergaminho, enfeitado com iluminuras de ouro, uma bela oração à Santíssima Virgem; Viu outro, um velho frade de barbas brancas que lhe chegavam até a cintura, traçando com uma pena de pato lindos versos de um poema em louvor à Mãe de Deus; Viu outro ainda entalhando em cedro uma graciosa imagem da Virgem e do Menino; e assim viu todos, dando cada um o melhor de si para louvar a Rainha dos Céus.

E vendo aquilo, o pequeno cismava. Ele também amava muito a Nossa Senhora, e como os outros, ele também gostaria de fazer uma bela obra para provar o seu amor. Mas fazer o que, se ele não tinha jeito para nada? A não ser...

Estamos na última noite do mês de maio. Durante todo o dia os monges desfilaram na capela, um por um ofertando os seus presentes para a Mãe de Deus. Agora, todos dormem, e a capela está vazia.

A porta se abre lentamente, rangendo um pouco. Na obscuridade, o malabarista caminha até o altar, e se ajoelha diante da bela imagem da Senhora com o Menino. Depois, respira fundo para tomar coragem, e balbucia:

-“Minha Senhora, desculpe incomodar assim tão tarde. Sei que agora é hora do descanso, mas eu precisava falar com a Senhora sozinho. Eu também quero oferecer um presente para a Senhora, mas a única coisa que eu sei fazer é malabarismo... A Senhora não se incomodaria se eu fizesse um pouco de malabarismo, só para a Senhora e para o Menino Jesus?”

Enquanto falava, o menino ia ganhando mais coragem. Ao terminar, estendeu seu surrado tapete no chão, e deu início ao número das bolas: três, quatro, cinco, seis bolas iam



sucessivamente subindo até o teto da capela, atiradas pelas mãos do pequeno malabarista.

Depois vieram os punhais, e depois as tocas. O menino, inteiramente concentrado em seu número, não prestava atenção em nada mais. E não viu quando um monge, primeiro surpreso e depois escandalizado, olhou pela abertura da porta e se afastou correndo para chamar o superior.

As tochas voavam, descrevendo figuras fantásticas, e colocando estranhos reflexos nos candelabros e nos vitrais. Destramente, o menino as recolheu, saudou a imagem com uma vênica, e apoiou as mãos no solo, tomando posição para a “apoteose” final. As bolas, uma a uma, foram subindo, atiradas pelos ágeis pés. E tão concentrado ia o pequeno malabarista, que não percebeu a capela se encher de monges, que se atropelavam, indignados e perplexos.

E quando o superior ia soltar um brado de cólera, mostrando toda a sua indignação, então algo de maravilhoso aconteceu.

A imagem da Senhora se moveu. O Menino Jesus estendia as suas mãozinhas, ansioso para segurar uma das bolas coloridas. E a Rainha dos Céus, inclinada para poder ver

melhor, oferecia ao pequeno malabarista uma linda rosa vermelha que surgira milagrosamente em sua mão...

Os monges viram o pequeno malabarista, exausto, se por de joelhos e sorrir. Ele colheu a rosa, levou-a aos lábios... e depois, muito lentamente, como quem se acomoda para descansar, deitou-se no chão. Quando os frades tiveram coragem de se aproximar, verificaram emocionados que o pequeno malabarista agradara tanto a Nossa Senhora que esta o havia convidado para encantar os santos na grande praça que existe no Céu.

É claro que este fato é verdadeiro, pois a lenda é a essência do real. Mas algum espírito mais "quadrado" poderia perguntar se ele de fato aconteceu. A esse eu recomendaria que, em suas viagens pela Europa, reparasse nas imagens da Senhora com o Menino existentes nas velhas igrejas conventuais. Certamente ele notará, em uma delas, que o Menino Jesus tem nas mãos um globo estranho, semelhante a uma colorida bola de madeira... Ajoelhe-se então, caro incrédulo, e reze duas ave-marias: uma por você, e outra por mim..



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

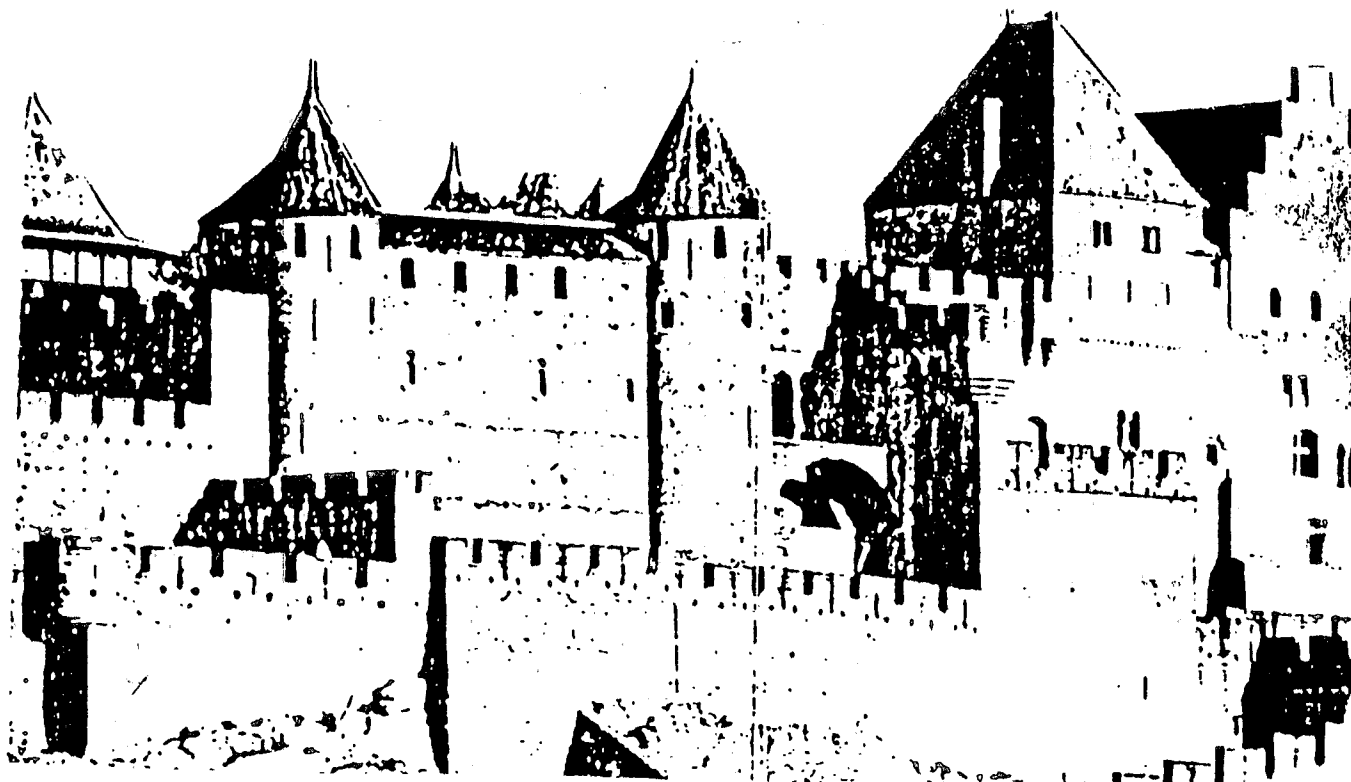
CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE



TEÓFILO: UM PACTO COM O DEMÔNIO

Teófilo era vigário da igreja de Adanas, na Sicília. Durante muito tempo a administrou com dedicação e acerto, facilitando para seu bispo a direção das almas.

Sucedeu porém que um dia o velho bispo entregou sua alma a Deus, para grande tristeza dos fiéis. Quem agora ocuparia a sede vacante? E todos comentaram: Teófilo era sem duvida o mais digno, o mais santo, o melhor.



Mas Teófilo humildemente recusou. Respondeu ao povo que sua vocação era continuar como vigário. E outro bispo ocupou a sede. E o novo bispo, que não confiava em Teófilo, removeu-o de seu cargo, colocando um outro padre em seu lugar.

A desolação e a raiva invadiram a alma de Teófilo. Rancoroso, vendo-se privado do

cargo que por tantos anos exercera, ele vagava à noite pelas ruas da cidade, só dando ouvidos aos sussurros do demônio: "Perder o cargo... a carreira!... Como fizeram isso com você? Isso não pode ficar assim!"

E nesse estado de alma, os passos do infeliz o encaminharam para uma caverna existente nos arredores da cidade, covil sinistro de um certo feiticeiro.

E Teófilo pediu ao bruxo uma poção qualquer, que fizesse o bispo novamente o nomear...

Mas o feiticeiro, vendo o estado de alma do infeliz, negou-se a uma solução fácil:

"- Há só uma saída. Eis aqui um documento onde se diz que você entregará sua

alma ao demônio, e que com teu próprio sangue deveis firmar. Se o fizerdes, sereis novamente vigário e tereis treze anos de fama e fortuna, findo os quais o demônio vos virá buscar. Se não assinardes, morrereis

agora mesmo, e ireis já para o inferno, pois está em pecado mortal.”

Mentia o infame bruxo, pois se Teófilo fosse morto por não assinar, mártir seria, e iria para o Céu, pois os pecados que manchassem sua alma, o martírio os haveria de lavar. Mas, Teófilo, pensando apenas na fama que teria, assinou o ímpio pergaminho usando como tinta o sangue que brotou de uma ferida que o bruxo, usando uma unha de tigre, fez em seu pulso. Assinou e voltou para a cidade, segurando o pulso que sangrava.

Aquela ferida nunca mais cicatrizou. Transformou-se em uma chaga aberta e sempre cheia de sangue e de pus, e onde por mais que a limpasse, os vermes tornavam a nascer.

Teófilo enriquecia. De todos os lados, a fama e o dinheiro pareciam correr para suas mãos. O bispo lhe havia de novo oferecido o cargo de vigário, e muitos ricos lhe pediam que tomasse conta de seus bens, e os aplicasse da forma que quisesse, “para glória de Deus”... Teófilo era rico e famoso, e segundo o mundo, tinha tudo para ser feliz.



Feliz ele não era. Doze dos treze anos do prazo maldito já se haviam passado, e Teófilo via cada vez mais próximo aquele instante terrível em que o demônio o viria buscar... Trocara por treze anos toda a eternidade e agora iria eternamente sofrer...

Suas noites eram angustiadas, cheias de sonhos sobre o inferno que se aproximava, e não poucas vezes os seus empregados ouviam assustados os gritos de angústia que o pobre infeliz lançava a dormir...



"...Eis aqui um documento onde se diz que você entregará sua alma ao demônio, e que com teu próprio sangue deveis firmar. Se o fizerdes, sereis novamente vigário e tereis fama e fortuna..."

“Que péssimo negócio eu fui fazer”, pensava o desgraçado. “Mas agora é tarde para voltar atrás... Assinei o contrato com meu sangue... O demônio cumpriu a parte dele, e agora eu terei de cumprir a minha... Já estou eternamente condenado, e não tenho mais salvação...”

Esse pensamento, de que estava irremediavelmente condenado, o atormentava mais e mais.

Uma noite, roído pelo remorso e pela dor, saiu em direção aos campos, pensando em se matar. No caminho quando passava por debaixo

de uma alameda de salgueiros que tornavam a noite ainda mais negra e mais triste, sentiu que alguém o puxava pela borda do manto. Voltou-se assustado, e vislumbrou na escuridão um vulto que lhe falou:

-“Sois vós o clérigo Teófilo?”

-“Sim, sou eu. O que quereis de mim?”

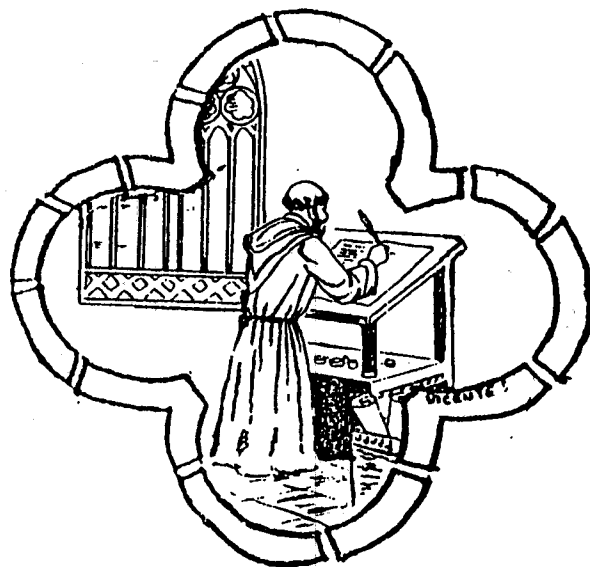
-“Sou um grande pecador, com vergonha de vos confessar.

Hoje recebi uma graça da Santíssima Virgem, e quero limpar a minha alma. Mas tive vergonha de vos procurar na igreja ou em vossa casa. Estava aqui sem saber o que fazer quando vos vi passar. Foi Deus que vos enviou. Peço-vos a caridade de me ouvir em confissão.”

Teófilo se assentou em uma pedra à beira do caminho, e o vulto se ajoelhou ao seu lado. Algum tempo depois ambos se levantaram, e aquela sombra, segurando com as duas mãos o pulso de Teófilo, exclamou:

-“Bendita seja a Santíssima Virgem Maria, que teve piedade de minha miséria, e vos enviou até mim! Estou livre dos meus pecados, graças a Deus, e graças a vós!”

E enquanto falava, o vulto apertava com as mãos o pulso de Teófilo, esmagando entre os dedos a chaga maldita. O clérigo mordida os lábios para não gritar de dor. Quando a sombra se foi, Teófilo pensou:



“Se eu tivesse a coragem de confessar... Mas não tenho. Se a Virgem Maria me desse a mesma graça que deu a esse infeliz... Haverá um pecador tão miserável pelo qual a Mãe de Deus se recuse a interceder? Haverá uma culpa tão enorme que a misericórdia de Deus não possa perdoar? Ó minha Senhora, ajudai-me! Mesmo que eu vá para o inferno, fazei com que eu não vos ofenda mais!”

E pela primeira vez em treze anos. Teófilo começou a rezar. Passou toda a noite em oração, ajoelhado à beira do caminho, no mesmo local onde aquele vulto se ajoelhara para ele, Teófilo, o absolver. De manhã, levantou-se decidido e foi para a catedral em busca do bispo, da penitência e do perdão. E logo após sair do confessionário, quando cumpria sua penitência diante de um altar dedicado à Mãe de Deus, percebeu encantado que a imagem lhe sorria e se inclinava sobre ele, para o abençoar...

Diante de tão grande milagre Teófilo teve a certeza do perdão.

Mas uma coisa ainda o inquietava: era o pergaminho que ele havia assinado com seu sangue, e que o demônio guardava em seu poder. Bradou então à Senhora: “minha mãe, vós que sois poderosa, arrancai esse pergaminho das garras do inferno!”

E a Senhora respondeu:

-“Fique aqui meu filho e espere a minha volta”.



E a bela imagem sumiu de cima do altar. Por três dias e três noites os fiéis daquela igreja viram o vigário Teófilo rezando diante do altar vazio. Mas ninguém ousava perguntar a razão de suas preces, ou o paradeiro da imagem da Senhora: pressentiam que algo muito grande estava acontecendo.

No final da terceira noite, Nossa Senhora voltou, trazendo em suas mãos o pergaminho que fora arrancar das garras do maligno no fundo do inferno. Sorrindo novamente, o entregou a Teófilo, como símbolo do seu perdão.

Logo após, quando o bispo iniciava a sua missa, Teófilo subiu até o altar e lhe entregou o infame documento, contando entre soluços tudo quanto havia acontecido. O bispo ordenou que se queimasse imediatamente aquele pergaminho diante de todos os fiéis, que davam graças a Deus e à Sua Mãe Santíssima. Teófilo recebeu a Sagrada Comunhão e foi rezar sua ação de

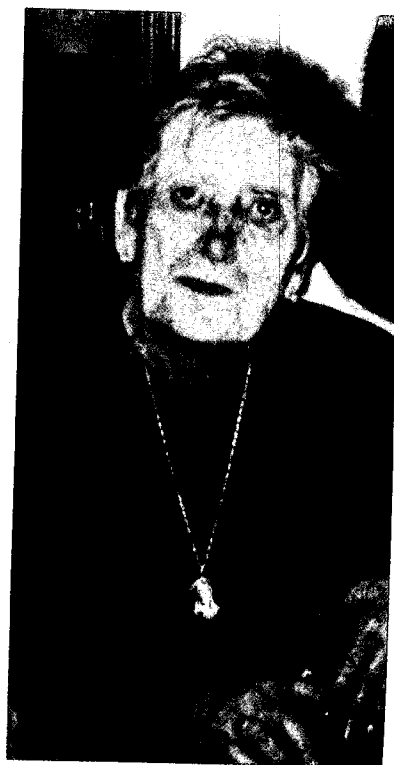
graças diante do altar de sua Mãe. E ali mesmo, logo depois, entregou sua alma a Deus.

As catedrais da Idade Média são verdadeiras Bíblias de pedra e de luz.

Contemplando impávidas a passagem dos séculos rolando a seus pés, as catedrais foram construídas para a eternidade, e só da eternidade nos querem falar. Em cada recanto de suas naves, em cada detalhe de suas imagens, em cada cor dos seus vitrais, as sublimes igrejas da Idade Média nos trazem uma lição, nos contam uma história nos apontam para o céu.

Uma dessas histórias gravadas na pedra é a do clérigo Teófilo. O fato ocorreu na Sicília, e inspirou o auto "O milagre de Teófilo", um dos mais célebres da literatura medieval. Sua narração mais antiga é de Eutiquiano de Constantinopla, que foi sua testemunha ocular. Confirmam-no São Pedro Damiano, São Bernardo, São Boaventura e Santo Antonino. Santo Afonso o relata em seu "Glórias de Maria".

Dona Marieta



Oito horas da noite. Num sobrado do Brás, em São Paulo, toca a campainha. São três jovens que vêm para ajudar na remessa de "O Desbravador".

Ouve-se a voz de uma senhora que diz: "quem é?"

Os jovens se identificam e ela abre. Ela os cumprimenta e imediatamente pede para eles começarem a ajudar na intercalação, grampeamento e envelopagem da revista.

Ela então volta para a poltrona em que estava sentada e continua a envelopar "O Desbravador".

Os jovens se admiram em ver aquela senhora, de mais de 80 anos, com tal disposição, com tal dedicação em ajudar nesse apostolado.

Algum tempo depois ela se levanta e vai preparar o jantar deles e de outros jovens que estão trabalhando em sua casa.

Prepara para alguns uma deliciosa macarronada, para outro faz um lanche, para outro que já havia jantado, um café acolhedor.

Enquanto faz isso, vai distribuindo bons conselhos e cobranças aos jovens: "E aí, meu caro, aonde tem andado. Cuidado, meu filho, o mundo está péssimo!". Ou: "Seja sempre um bom católico!".

Terminada a breve refeição ela volta para os envelopes.

Tarde da noite, após todos rezarem o terço, ela se recolhe e diz: "É só esquentar o café", ou "precisando me chamem!".

E os jovens, animados por tal exemplo, continuam madrugada adentro na remessa de nosso jornal.

Cenas como essa foram comuns, foram o corriqueiro nos nossos primeiros dezenove anos. Foram estímulo para nós e continuam sendo.

Não só isso. Quantas vezes vimos a senhora distribuindo "O Desbravador" para visitas, para tintureiros, para parentes. Com que ânimo ela o fazia!

Na véspera de ser internada no hospital, no lance final de sua existência, ela dizia que iria reclamar com o gráfico pelo atraso nos números de setembro/outubro.

Assim foi D. Marieta, que nos deixou no último dia 20 de dezembro, aos 82 anos de idade. Assim foi essa católica exemplar que conciliou a vida do lar com intenso apostolado.

Muitas vezes ela perguntava no telefone: "Você é católica?" e dizia "só há uma religião: a Católica".

E já internada no hospital aconselhava as pacientes e as enfermeiras a confiarem sempre em Nossa Senhora e a jamais deixarem de ser católicas.

Nestes quase 20 anos de existência de "O Desbravador", D. Marieta acompanhou-nos, auxiliou-nos, incentivou-nos, permitindo que sua velha casa do Brás se transformasse em oficina de trabalho para confecção de nossa pequena revista.

Sua casa se tornou assim nossa sede, aonde tínhamos, além de um lugar para trabalho apostólico, um oásis maravilhoso onde a bênção e a graça de Deus estavam sempre presentes.

E que cálidos e alegres momentos nos proporcionou! Que alegres lembranças não ficaram de sua personalidade tão marcante!

Mas também que alegre certeza sentimos em saber que doravante temos uma intercessora no Céu.

D. Marieta Labate Florestano nasceu e morreu no Brás, em São Paulo. Aqui se casou e constituiu família.

Dona de alegre vivacidade, dinamismo e de reto caráter, sempre procurou dirigir sua vida pelas sendas abençoadas da Santa Igreja Católica.

Quem olhasse para ela facilmente perceberia que aquela senhora era uma amiga de Nosso Senhor Jesus Cristo e que naquela alma católica, como consequência natural disso, residiam luzentes e harmoniosas virtudes, que formavam sua única e tão querida maneira de ser.



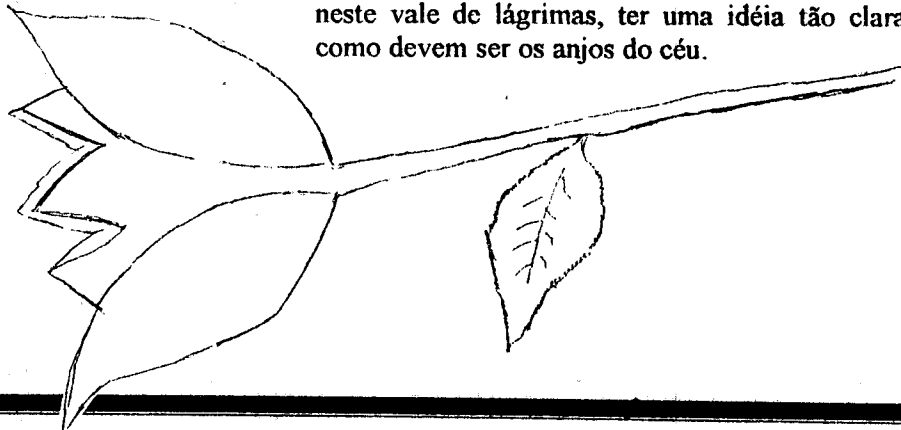
Deste modo, tão *sui generis*, ali estavam uma permanente alegria apostólica que a todos contagiava, uma inocência vigilante que a todos estimulava; uma devoção verdadeira cujo exemplo a todos arrastava; uma inconformidade com o mal que a todos conclamava.

Nosso Senhor, seu amigo, sempre a acompanhou e inspirou e assim, quem dela se aproximasse veria, se tivesse olhos para tal, sutilezas e maravilhas únicas, por Ele reservadas desde toda a eternidade.



Únicas na maneira única de brincar com as palavras e cantarolar com as crianças; únicas na maneira única de falar ao telefone, providenciar as despesas, cortar os legumes lembrando-se de Deus que os fez, organizar a casa; únicas na maneira única de participar das conversas e dos folguedos, tocar piano, incentivar os jovens, colocar panos quentes, mimar os bebês e ensiná-los a brincar de roda; únicas na maneira única de gostar e de querer sempre agradar cada vez mais as pessoas amadas.

E não é só isso. Em uma alma católica, verdadeiramente católica, a graça de Deus está sempre presente. E esta graça, que é dádiva e deleite, faz com que queiramos nos aproximar e sempre estar por perto de quem a possui.



D. Marieta, que sempre quis ter muitos filhos, mesmo não os tendo em grande quantidade na ordem da natureza, viveu cercada por inúmeras pessoas, inúmeras almas, das mais variadas origens, que dela se aproximavam constantemente, que a ela buscavam pelos mais diversos motivos e que, de uma forma ou de outra, sempre dela receberam ajuda.

Era dona também de um espírito prático e objetivo no cumprimento de suas obrigações. Com as quais lidava com invejável lucidez e cuidado, senso de dever e esmero.

Na gerência de seu lar e de suas atividades, mantinha cuidadosa e indispensável agenda com nomes de estabelecimentos e pessoas, de tal forma organizada, que seria uma séria perda se hoje se extraviasse ou fosse destruída. Isso, sendo uma provecta e octogenária senhora católica.



Cultivou os dons que Deus lhe deu e multiplicou seus talentos, sempre voltados para o cumprimento de sua missão, em sua vocação de mãe.

Cozinhava como ninguém.

O primeiro ato de seu dia era saudar Nossa Senhora, o último, à noite, era rezar diante da imagem de Nossa Senhora das Graças. "Vou despedir-me de Nossa Senhora", dizia ela, antes de se recolher.

Rezava inúmeros rosários e sempre freqüentava os Sacramentos.

Na madrugada do dia primeiro de dezembro último, fraturou o ombro, fato que desencadeou sua doença final.

Antes de ser levada ao hospital, recebeu os Santos Sacramentos.

Assim, confortada e revestida do escapulário do Carmo, ela partiu para a eternidade.

E a nós de "O Desbravador" cabe rezar e agradecer a Deus por termos podido, mesmo estando neste vale de lágrimas, ter uma idéia tão clara de como devem ser os anjos do céu.

O CORAÇÃO DE UM CATIVO

Conta Frei Thomas de Cantiprato, que certo jovem cristão havendo caído em poder dos mouros, ficou escravo de um deles, muito poderoso, o qual agradando-se do novo escravo, pela boa vontade que o servia, desejava que ele passasse sua escravidão com gosto.

Mas o escravo cristão, ainda que em nada lhe faltava no material, andava sempre com o rosto muito comedido, grave e muito severo; e ainda o Senhor reparava que enquanto os outros escravos andavam muito alegres, se divertiam já com conversações risonhas, em músicas contentes, em jogos divertidos, este sempre se portava pensativo e sisudo.

"Que tens?" perguntava-lhe o patrão.

"De que andas triste?"

"Não estou triste", respondia o escravo, "mas tenho dentro do meu coração a Cruz na qual morreu meu Deus".



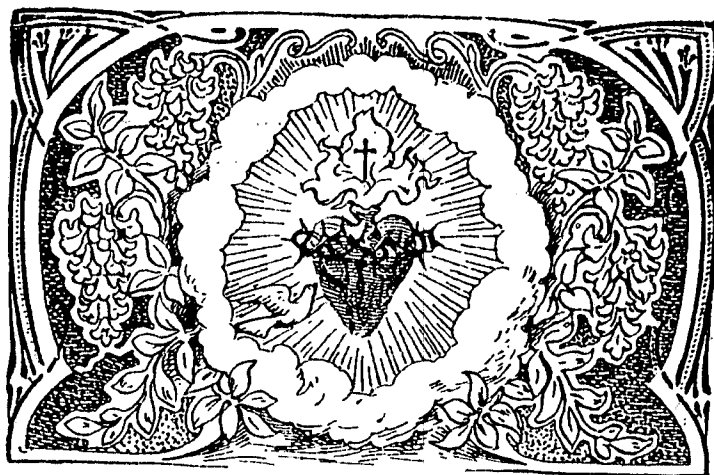
Tantas vezes lhe perguntou isto o patrão e tantas lhe respondeu o mesmo o ditoso escravo, que o bárbaro, cheio de cólera, disse:

"Pois eu quero ver esta Cruz que tens dentro do teu coração", e com inumana crueldade mandou tirar-lhe a vida.

Feita a morte, manda que lhe tirem o coração. Ó prodígio admirável! Trazido o coração à sua presença, viu com os seus olhos, nele esculpida com toda claridade e perfeição, a Imagem de Cristo Crucificado.

O Escravo tanto havia meditado na Paixão de Nosso Senhor, tanto O amara que Ele ficou cravado no coração do jovem. Tenhamos nós também o Redentor em nossa alma e jamais O expulsemos de nosso coração pelo pecado.

O CORAÇÃO DO SACERDOTE



Conta Adriano Lireo (ou um piedoso cristão) que vivia em Roma um sacerdote de tão exemplares costumes, que na ajustada cruz de sua vida, mostrava bem o amor verdadeiro com que amava o nosso Deus crucificado.

Chegou-se-lhe a morte, e por ser pessoa não só de santidade conhecida, senão de alto posto e de sangue ilustre, trataram de embalsamar o seu cadáver; e fazendo este cruel obséquio, tendo os cirurgiões aberto o seu corpo, não puderam em todo o peito achar-lhe o coração.

Mas como? Sem coração não podia este homem viver?

A esta dúvida, a esta admiração, juntam-se todos os de casa, a buscar-lhe o coração, e nem sinal dele encontrarem.

Surpresos estavam todos quando um dos que lá se achavam, levantando os olhos a um Santo Crucifixo que ali estava, repara que a seus pés, estava um coração pendente; sobem, reconhecem e acham que o coração daquele ditoso sacerdote era o que pegado à Cruz mostrava bem, com o que havia ali subido, quanto mais alto tinha voado o seu espírito para a Glória.

"Milagre, milagre!" exclamaram todos, cheios de alegria e de admiração, e que publicaram alegres vozes por toda Roma.

Ó coração ditosamente sinalado com a Cruz!

Maravilhosamente ditoso sacerdote que, neste vale de lágrimas, conseguiu unir seu coração à Cruz de Nosso Senhor.

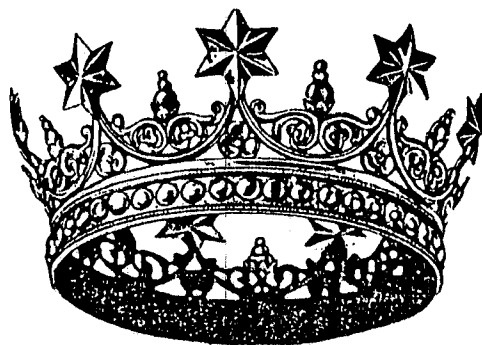
O MAIS BELO CASTELO

Vendo o castelo estampado em nossa capa e vendo a sua beleza nós nos lembramos de um fato ocorrido há alguns anos. Três membros de nossa equipe subiam pelo bondinho até o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, inegavelmente uma das mais belas paisagens em toda a Terra.

Eis que um deles exclama: "Que maravilha, que beleza incomparável!". Ao que um dos outros retrucou: "Uma alma em estado de graça é incomensuravelmente mais bela!".

Diante do castelo apresentado nós diríamos que a alma na graça de Deus é um castelo que excede em beleza a qualquer castelo, a qualquer palácio, a qualquer construção que possa existir neste mundo e isso vale para as almas dos santos e justos do passado e vale também para nós.

Uma alma em estado de graça é amiga de Deus, tem Sua Amizade, e Deus se alegra ao vê-la.



Todos podemos construir esse maravilhoso castelo. Todos podemos evitar o pecado, fugir das más ocasiões.

Por mais pecadores que fomos, podemos pela confissão recuperarmos a graça de Deus. E podemos manter a graça pois Deus não falta a ninguém com seu auxílio.

Mas esse castelo que é nossa alma precisa incessantemente receber o orvalho da oração. É com a oração que começa a conversão de uma alma e é com ela que se consuma a santificação.

Vamos construir esse castelo, vamos ofertá-lo a Deus. Que Ele faça em nós sua morada.

Somos fracos para isso, mas temos uma Mãe, uma Soberana que é Nossa Senhora que pode suprir nossas fraquezas, ajudar-nos nas dificuldades e restaurar a beleza que nossa alma tinha em nossa infância espiritual, há pouco perfumada pelo Santo Batismo.

Roguemos, peçamos a Ela que nós possamos entregar a Deus esse castelo e que Ela seja a Rainha dele e sua defensora.

